**Prova Final**

[**BI 704 – LIVROS PROFÉTICOS DO AT**](https://fitref.online/course/bi-704-livros-profeticos-do-at/)

Parte superior do formulário

**Parte inferior do formulário**

**1. Descreva quais as origens do profetismo.**

Muitos críticos bíblicos (Lindblom, Zimmerli, Brevard Childs, Brueggemann) dizem que não é possível conhecer a origem do profetismo em Israel.

Entretanto, no registro das Escrituras pode-se encontrar uma explicação coerente para a origem do profetismo em Israel. O profetismo tem sua origem no propósito da criação pelo único Deus do universo, que confirma seu plano para seu povo escolhido por meio dos seus profetas.

O auge do movimento profético ocorreu no século VIII a.C. dos grandes profetas, como Isaías, Miqueias, Oseias e Amós, mas já havia atividade profética anterior à época deles. A verdadeira origem ocorreu com Moisés que foi mediador e proclamou a palavra do Senhor, declarando a vontade de Deus conforme havia sido revelada a ele.

A nação israelita foi a única a receber a revelação da lei de Deus (Dt 4.8), embora Deus também se preocupava com as outras nações. E quando o próprio Deus se torna o mediador, a necessidade do profeta chegaria ao fim. Quando vem Jesus Cristo, cumpre-se o alvo da aliança. Ele é o único mediador entre Deus e os homens (1Tm 2.5).

**2. Discorra sobre a expressão: “A lei é a base da revelação”.**

Moisés é o mais importante profeta de Deus pois o Senhor fala com ele “boca a boca” (Êx 33.11; Nm 12.8). Os profetas subsequentes ampliam o que Moisés já havia declarado ao povo de Deus. Assim, o Pentateuco funciona como base para toda a revelação posterior. Os profetas não introduzem nada novo; em vez disso, explicam as partes da lei que foram mal compreendidas, e descrevem em detalhe aquilo de que a lei falou em termos gerais.

A lei é uma explicação para o juízo ou para a bênção. A condenação da idolatria está em primeiro lugar entre as proibições de Deuteronômio. A adoração de ídolos resultou na devastação do reino do Norte. Todo juízo contra a nação fundamenta-se na lei mosaica, que denunciava a violação do sábado, a adoração dos ídolos, as oferendas aos outros deuses, ou as relações sexuais fora do casamento (Jr 11.3-5).

Porém, a função mediadora de Moisés era deficiente e precisava ser superada. Em contraste com a função mediadora de Moisés e de todos os profetas subsequentes, Jesus é apresentado como originador e Senhor da palavra profética e não apenas como seu mediador. Ele é a Palavra (Jo 1.1). A longa linhagem de profetas se origina com Moisés e se conclui em Jesus Cristo.

**3. Explique quais as relações entre “tipo” e “antítipo” entre “tipo” e “alegoria” e entre “tipo” e “símbolo”.**

**Tipo e antítipo**: Tipo é uma categoria de pensamento que contrasta o terreno, o humano e o falível com o celestial, o divino e o infalível. O tipo tem o momento em que ele ocorre, mas desaparece quando chega aquele para quem ele aponta, o antítipo. Por exemplo, Paulo fala das festas religiosas da antiga aliança como uma sombra das coisas que estavam por vir (Cl 2.17).

Muitas instituições em Israel são um reflexo de realidades mais elevadas. Moisés deve fazer tudo conforme o exemplo que lhe foi mostrado no monte: o templo e a liturgia celestial (Hb 8.5). Muitas instituições no AT refletem realidades que ainda não foram vistas (Hb 9.23; 10.1). Por isso, é importante a relação entre tipos e coisas que ainda não aconteceram.

**Tipo e alegoria**: a palavra-chave para distingui-los é historicidade. Na alegoria, o histórico desaparece e não é relevante, enquanto que no tipo o histórico é totalmente válido. Adão não poderia ser um tipo do Cristo vindouro se nunca tivesse existido um Adão (Rm 5.14).

A tipologia vincula coisas dentro da história da salvação; a alegoria busca significados secundários ou ocultos que sublinham o significado primário e óbvio da narrativa histórica. A tipologia repousa na compreensão objetiva da narrativa histórica, enquanto que a alegorização introduz significados subjetivos na narrativa.

Enquanto a tipologia parte do micro (o texto presente) em direção ao macro (o texto para onde aponta), a alegoria percorre o caminho inverso. Por exemplo, Justino diz que Cristo tornou-se chefe de uma raça regenerada por meio da água, da fé e da madeira, assim como Noé e sua família, que foram salvos pela madeira quando flutuavam sobre as águas**.**

O tipológico faz parte de um grande quadro histórico. Não é o uso incidental do texto, mas é exegese no contexto maior, na unidade entre os dois testamentos. A história não é considerada uma totalidade cíclica que se repete, mas uma totalidade organicamente ligada.

**Tipo e Símbolo**: há certa similaridade, pois ambos apontam para aquilo que representam: pessoas, objetos, instituições ou eventos. Mas, enquanto o tipo se assemelha às coisas que prefigura, o símbolo serve de sinal daquilo que representa, sem necessariamente ser semelhante. Por exemplo, Adão é tipo de Cristo (Rm 5.14), mas o pão e o vinho são símbolos do corpo e sangue de Cristo (Mt 26.26). Além disso, os tipos apontam ao futuro, enquanto os símbolos se restringem ao presente. Portanto, um tipo sempre antecede o seu antítipo, enquanto um símbolo representa coisas que existem, estão em vigor e se aplicam no presente.

**4. Baseado na aula sobre a “Igreja no Antigo Testamento” responda: Quais as bases para se afirmar que no Antigo Testamento havia “Igreja”?**

Ao estabelecer a aliança com Abraão, Deus prometeu-lhe uma grande posteridade (Gn 12.2; 15.5). Qualquer gentio poderia fazer parte do povo de Deus, professando o Deus de Abraão e sendo circuncidado (Gn 17.12). Com a restauração de Israel após o exílio, parte do povo retornou à terra, mas inclui agora todos os gentios arrependidos. Não há mais um muro que os separe; os crentes gentios são co-herdeiros das promessas juntamente com os crentes judeus (Ef 2.19). Abraão é pai dos crentes judeus, mas também de todos os crentes não circuncidados (Rm 2.29; 4.11,12; Gl 3.29; 6.15,16; Fp 3.3), o Israel de Deus, uma única igreja.

A estrutura revelacional orgânica do AT, conforme bem explicada na Confissão de Fé de Westminster (capítulo VII, seção V e VI) nos diz que a revelação de Deus é eficaz, suficiente, e leva à plena remissão dos eleitos do AT. A revelação é plena e suficiente porque está ligada organicamente àquele para quem ela aponta: Cristo. A igreja é, portanto, a reunião de todos os crentes, tanto do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento.

**5. O que você entende por: “O profeta é um homem do presente que está com os pés no passado abrindo as portas para o futuro”?**

Os atos poderosos de Deus durante o êxodo do Egito em favor do seu escolhido povo, as leis de Israel que surgiram no contexto da aliança iniciada no monte Sinai, onde o SENHOR se comprometeu com o povo por toda a eternidade, foram registrados por escrito para as gerações vindouras.

Foi baseado nestes eventos, leis e promessas do **passado** que os profetas dirigiam, na sua época **presente**, as suas mensagens ao povo e aos governantes tanto de Israel como de Judá. Foi o exílio e o **futuro** além do exílio que os profetas escritores de Israel foram convocados e comissionados a explicar, para manter a continuidade da esperança através das gerações.

Os escritos desses profetas pregam uma restauração mais gloriosa do que os dias anteriores ao exílio. Uma nova aliança, uma nova Sião, um novo templo, um novo Messias, uma nova relação com as nações do mundo. Essas eram as expectativas destinadas a criar esperança futura para o povo a ser deportado da sua terra e para todas as futuras gerações, inclusive a nossa.

**6. A compreensão que Ezequiel nos passa da restauração da “Terra Prometida” estava fundamentada em que base?**

As profecias de Ezequiel giram em torno dos eventos do exílio final de Israel e da antecipação de uma restauração futura. Mas os temas do exílio e da restauração são desenvolvidos de forma distinta dos outros profetas. O exílio é apresentado com foco no afastamento da glória de Deus do templo de Jerusalém. A restauração chega na visão do retorno da glória de Deus ao templo. “O afastamento e o retorno da glória” serve como tema que resume a mensagem deste livro.

Ezequiel relata (capítulos 8 a 11) a glória do Senhor se retirando do santuário de Jerusalém. A partir daquele momento o lugar que já fora santo encontra-se exposto à pilhagem dos invasores. O exílio é apresentado como afastamento da glória de Deus do templo de Jerusalém. Ezequiel descreve uma visão da restauração de Israel depois do seu exílio, culminando com o retorno da glória ao templo restaurado (capítulos 33 a 48).

**7. Segundo o que aprendemos, qual a compreensão que o Novo Testamento tem da “Terra Prometida”?**

A terra prometida, no NT, é o estágio da revelação de Deus em Jesus Cristo. No NT não se descreve a terra na perspectiva do AT, isto é, territorialmente, pelo simples fato de que a terra foi diminuindo de tamanho diante da aproximação de Cristo. Porém ela não perdeu em conteúdo, pelo contrário, ela alcançou o início da sua consumação, pelo fato de que a entrada na terra prometida prefigurava a entrada no descanso, e só poderia entrar nele aqueles que cressem no Senhor Jesus Cristo (Rm 4.1-4). Por isso, a promessa do território específico é ignorada por completo.

A terra prometida a Abraão e seus descendentes, como a possessão permanente, tipifica algo muito maior do que a terra sugeriria antigamente. O autor da carta aos Hebreus claramente apresenta o sentido que a terra de Israel tinha na progressividade e organicidade da revelação. Segundo ele (11.8-16) até os próprios patriarcas anteciparam algo mais do que um aspecto físico da terra. Esta revelação afirma que a terra de Israel não era um fim em si mesmo, mas apontava para algo superior, a nova Jerusalém, a terra prometida, o retorno ao paraíso com aqueles que são fiéis, a vida na verdadeira terra, a pátria celestial.

**8. A partir dos conhecimentos adquiridos descreva o que é “contexto histórico” e “contexto canônico”.**

O contexto histórico ajuda o intérprete a não perder de vista as circunstâncias históricas específicas da passagem bíblica estudada e o seu lugar na história da revelação, ressaltando o caráter orgânico e progressivo das Escrituras. Os conceitos da história da revelação são corretivos para o método histórico-crítico (que interpreta a Bíblia como documento meramente humano), e desenvolvem e enriquecem o método gramático-histórico da interpretação bíblica. É usada na Teologia Bíblica, que expressa a unicidade da Bíblia no contexto histórico.

Muito ligado a isto fica o contexto canônico, que trata das questões teológicas ligadas à relação orgânica entre o AT e o NT, a sua continuidade e descontinuidade, tratando as Escrituras como um todo. Conceitos que são apenas uma ideia germinal nos livros iniciais do AT se desenvolvem progressivamente no AT e alcançam a sua revelação plena no NT, com a encarnação de Jesus Cristo, o qual nos revelou plenamente a vontade do Pai.

**9. Comente a seguinte frase: “Quanto mais longe de Cristo, mais sombras. Quanto mais perto de Cristo, menos sombras”.**

Na revelação bíblica sobre vários temas veterotestamentários, por exemplo, a terra de Israel, o templo, os sacrifícios, pode-se perceber que, por um lado, quanto mais longe do antítipo se encontra o tipo, mais necessária se torna a ênfase no tipo; por outro lado, quanto mais perto do antítipo, o tipo vai se dissipando.

Quanto mais distante de Cristo, historicamente, mais necessário se tornam as sombras e os tipos e símbolos. Quanto mais perto de Cristo, menor a necessidade de sombras e tipos. Quando Cristo, a Luz, chega, as sombras se dissipam. Por exemplo, o templo de Salomão era maior do que o templo reconstruído no final do cativeiro. Mais distante de Cristo, maior a necessidade de uma estrutura física maior, maior o símbolo, maior a suntuosidade, os grandes corais, as práticas litúrgicas extraordinárias, as trombetas no templo. No entanto, quanto mais perto de Cristo, o templo reconstruído era menor, mas a glória era maior, conforme o profeta Ageu. Era maior porque Cristo está mais próximo do que na época de Salomão. Quando Cristo chega, o templo é destruído e ao terceiro dia reconstruído. Cristo chegou, não há mais necessidade daquele templo, pois o templo é a igreja, somos nós. Consequentemente cessaram as práticas daquele templo.

**10. A partir de Deuteronômio 18:15 descreva sobre Moisés como tipo de Cristo.**

A partir do texto de Dt 18.15: “*O SENHOR, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás*”, observamos alguns pontos. Primeiramente, Cristo é descrito como profeta. O profeta deve expor a Lei, declarar a vontade de Deus, pronunciar o que está por vir e Cristo fez tudo isto. Outro ponto é que Cristo é um profeta semelhante a Deus. Todos os profetas, mesmo os mais eminentes, recebiam a luz de Cristo, o Sol da justiça (Ml 4.2). Embora Moisés também tivesse familiaridade com Deus e falasse com Deus face a face (Êx 33.11), Cristo, como segunda Pessoa da Trindade, está no seio do Pai (Jo 1.18). Ainda outro ponto é que, assim como Moisés foi mediador entre Deus e o povo, Cristo também é Mediador entre Deus e o homem. Observamos ainda, segundo Dt 18.15, este profeta viria do meio dos seus irmãos. Deuteronômio diz ainda que a este profeta se deverá ouvir, e no versículo seguinte (v. 19) alerta que haverá uma penalidade imposta àqueles que não ouvem estas palavras.

Gerhard Jacobi